

PAINEL III Conservação e Salvaguarda do Património

Salvaguarda do Património

MIGUEL MALHEIRO

Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada do Porto

A intervenção arquitetónica na Igreja de São Mamede de Vila Verde, Felgueiras, Porto

O primeiro contacto estabelecido com este edifício foi no ano de 2003, quando a Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) me encomendou o projeto de conservação e valorização geral da Igreja.

A minha experiência como arquiteto diz-me que um projeto não bebe unicamente do existente e da tradição, nem repete o que o seu lugar lhe assinala à partida, porque senão falha a confrontação com o mundo, com a irradiação do contemporâneo. E se uma obra de arquitetura não nos dá conta do trajeto do mundo, não oscilando nela o lugar concreto onde se ergue, então sai empobrecida a ancoragem sensorial da construção ao seu lugar, ao peso específico do local.

Isto encontrava-se refletido nas ruínas que encontrei na Igreja de São Mamede de Vila Verde. Foi desvendando as mensagens naturais que o edifício continha, com presença óbvia, que se iniciou o trabalho de investigação, para percebermos o objeto que simplesmente ali estava.

A Igreja localiza-se, atualmente, num ambiente urbano, isolado, implantando-se a meia encosta da Serrinha, e formava um conjunto em ruínas com a corte do gado e a casa do padre. As paredes e pavimentos deste conjunto apresentavam-se cobertos por musgo e heras.

A Igreja, construída em granito, é constituída por nave e capela-mor, esta mais estreita e mais baixa. A planta da nave apresenta a forma de um trapézio isósceles e a capela-mor a forma retangular. A sacristia, de planta retangular, encontra-se adossada a sul da capela-mor. No interior, a nave separa-se da capela-mor por um arco pleno e por um desnível de três degraus de bordo curvo.

A leitura dos alçados da Igreja realizada pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho permitiu con-

cluir que a edificação original, datável, pelo estilo e pelo contexto histórico, do século XIII, foi objeto de várias remodelações posteriores, designadamente decorações com frescos do século XVI na capela-mor e em parte da nave, alterações arquitetónicas dos séculos XVI/XVII na capela-mor (janelas em capialço) e na nave (elevação do arco triunfal, altar lateral e coro alto) e acrescentamento do século XVIII de uma sacristia, na fachada sul da capela-mor, à qual se acede, desde o exterior, por uma porta aberta no lado poente.

A firma Mural da História procedeu à análise e diagnóstico do fresco existente na parede fundeira da capela-mor, e sondagens para averiguar a existência de outros frescos nos restantes alçados interiores da Igreja, desvendando a existência de duas campanhas de pintura, correspondendo a primeira às paredes laterais da capela-mor, pintadas com um padrão decorativo de motivos vegetalistas e geométricos, à maneira dos *panos de armar*, e à pintura dos dois santos na parede do topo oriental, pintada ao modo de um retábulo. Uma outra campanha de pintura mural, na capela-mor, sobreposta à que foi anteriormente referida, deverá datar de 1530/1550. Segundo Luís Urbano de Oliveira Afonso, esta campanha pictórica poderá ser atribuída ao pintor Arnaus, considerando-o ser um artista particularmente imaginativo e de capacidades técnicas muito acima dos seus pares, sendo talvez o mais interessante fresquista do Renascimento português com obra conhecida, dominando efeitos plásticos de grande virtuosismo técnico.

Aqui se percebe o trajeto do mundo que a obra de arquitetura transporta, de que falámos atrás, e que mesmo uma Igreja como esta, de pouco aparato arquitetónico, pode conter. A Igreja de São Mamede de Vila Verde tanto apresenta uma solução arquitetónica tardia, de repetição das formas românicas ainda no século XIII/XIV, com sucessivas modificações à época, como cons-

titui um exemplar de modernidade no que diz respeito à pintura mural. Neste sentido, reforça o meu sentimento do que é a presença da arquitetura, ou seja, a oscilação entre tradição e inovação.

A intervenção a levar a cabo é uma intervenção num determinado momento histórico, novamente, e o que para mim se torna decisivo é dotar o novo de propriedades que entrem numa relação de tensão com o que já estava ali, e que esta relação tenha sentido. É importante que o novo possa encontrar o seu lugar no preexistente, e para isso temos de ver de uma nova forma esse preexistente.

Por isso, entendemos que o projeto deveria alargar-se à envolvente implicada pela Igreja, especialmente a que tinha estilizado em várias direções nas duas últimas décadas, para que de novo se construísse um sistema radial à sua volta, tendo-a como objetivo. O projeto de intervenção na Igreja desenvolveu-se seguidamente. Entendemos que a arquitetura é sempre uma matéria concreta, não abstrata, como por exemplo, a parede e o pavimento, o teto e os materiais, a atmosfera luminosa e a tonalidade do espaço. Inclusive, visionamos os detalhes da transição do pavimento à parede, e desta ao teto e à janela.

O uso do pavimento em madeira de pinho nacional na nave, a sua passagem ao granito do pavimento existente na capela-mor, a transição que os dois materiais distintos, um quente, outro frio, se conjugam com a suavidade da cor e do tato da caiação das paredes, depois de incorporadas as pinturas murais, culminando na cobertura, realizada numa estrutura de madeira de castanho aparente, que une todo o espaço, foi o nosso projeto para a Igreja de São Mamede de Vila Verde. Pretendeu-se com o projeto reduzir os objetos às coisas em si mesmo, ao material, à construção, ao que sustém e ao que é sustido, à terra e ao céu, porque confiamos nestas coisas primitivas que constituem a arquitetura.

A intervenção arquitetónica na Torre de Vilar, Vilar do Torno e Alentém, Lousada, Porto

O imóvel localiza-se no lugar da Torre, no termo da freguesia de Vilar do Torno e Alentém, concelho de Lousada. No âmbito da criação da Rota do Românico do Vale do Sousa foi necessário realizar a beneficiação geral deste imóvel.

Aponta-se a data de construção da Torre de Vilar para o final do século XIII, início do século XIV, e mais do que uma construção militar, este edifício é um símbolo do poder senhorial sobre o território. Apresenta uma planta retangular, erguendo-se sobre um afloramento granítico.

As paredes, com mais de um metro de espessura, são de excelente aparelho de cantaria granítica, e foram os únicos elementos que se encontraram na primeira visita ao imóvel, tendo desaparecido as estruturas e elementos secundários de madeira. As fachadas apresentam numerosas seteiras e duas janelas retangulares, subsistindo no seu interior diversos níveis de mísulas salientes que constituíam os apoios correspondentes aos vigamentos de pisos. Na fachada sudeste existe um vão retangular, supostamente posterior à construção original, segundo a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, por onde se acederia pelo exterior, através de uma escada de madeira. O último piso corresponderia ao adarve que circundava o topo das paredes, que rematam num muro ameado mais estreito, sobre o qual deveriam assentar merlões, entretanto desaparecidos (Malheiro, 2005: 252).

A análise estrutural, realizada pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, revelou a necessidade de realizar consolidações pontuais na base da Torre, dada a ocorrência de deslizamentos de elementos da cantaria. Para além disso, foi detetado o crescimento de uma hera de dimensões consideráveis ao longo do cunhal orientado a poente, motivando deslocamentos

nos elementos de cantaria, bem como uma fissura ao longo da fachada noroeste, necessitando urgentemente de uma desinfestação geral dos elementos vegetais, seguida de uma consolidação com caldas cimentícias realizadas à base de cal.

No passado, uma implantação consistia inevitavelmente numa totalidade distintiva, que emergia sobre uma paisagem corrente. Ao mesmo tempo, a paisagem envolvente, que resistentemente ainda persiste na envolvente à Torre de Vilar, tem uma propriedade significativa, porque ela promove o entendimento da forma.

O caráter da envolvente é extremamente importante para a caracterização das qualidades peculiares dos monumentos, para além de assegurar a sua presença em termos concretos, porque a ordem do lugar define a sua identidade. Assim, a envolvente é imbuída com uma qualidade natural que nós identificamos na duração da nossa passagem por ela, e à qual o trabalho realizado pelo homem deve corresponder, para que a chegada e o estar sejam reais. Na paisagem envolvente à Torre de Vilar é notória a persistência destas qualidades, facto que deve ser preservado, porque o caráter peculiar desta paisagem permite a identificação do lugar. Daqui se deduz que a arquitetura não é o resultado das ações do homem, mas, por outro lado, ela concretiza o mundo que torna possíveis essas ações.

A análise que se realizou consistiu em considerar o uso do lugar, no seu contexto histórico, examinando o

que o passado nos ensinou e ainda continua válido.

A intervenção pretendeu acentuar estes elementos, através da reposição do outeiro existente na envolvente próxima ao imóvel, e no seu interior repor o acesso ao adarve, para domínio da paisagem agrícola que envolve o imóvel. Assim, no seu interior foram criados patamares, através de uma estrutura de madeira, que permitem o acesso ao topo da Torre. Este é realçado através da inclusão de um paralelepípedo perfurado, por onde passa a luz que ilumina todo o acesso vertical. No exterior foram realizados percursos de ligação ao ponto de chegada, junto ao arruamento principal. Neste ponto de chegada são criadas estruturas de apoio aos turistas que irão visitar a Rota do Românico, bem como valorizados os elementos envolventes, como minas de água, iluminação pública e cobertura vegetal, para além de ser criado um espaço para estacionamento automóvel. Em estudo paralelo das envolventes aos monumentos, alertamos para a necessidade de valorizar e preservar esta envolvente agrícola ao imóvel, dado o seu valor simbólico e paisagístico de enquadramento do monumento, e porque em conjunto com ele forma uma unidade positiva no território circundante.

Nós visitamos lugares históricos, mesmo que os eventos que ali tiveram lugar tenham ocorrido no passado, mas estes lugares históricos conservam a sua vitalidade, porque não desapareceram com esses eventos, nem com os próximos que a eles se associarão.

Bibliografia

MALHEIRO, Miguel *et al.* (2005) – “Torre de Vilar”. In MALHEIRO, Miguel, coord. – *Estudo de valorização e salvaguarda das envolventes aos monumentos da Rota do Românico do Vale do Sousa*. Porto: CCDR-N, 2006. Texto policopiado.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; BARROCA, Mário Jorge – *História da arte em Portugal: o gótico*. Lisboa: Editorial Presença, 2002. p. 124-128.

